

ENSAIOS METAFÍSICOS¹: DA TEORIA DAS IDEIAS EM PLATÃO À TRINDADE CRIADORA EM SÃO BOAVENTURA

METAPHYSICAL TESTS: FROM THEORY OF IDEAS IN PLATO TO THE CREATIVE TRINITY IN SÃO BOAVENTURA

Uellinton Valentim Corsi²

João Raniery Elias da Silva³

RESUMO

Este estudo tem por finalidade formular ensaios acerca da Metafísica presente nos dois escritos de São Boaventura, a saber: o *Itinerário da Mente para Deus* e o *Brevilóquio*. Para tanto, partirá de uma aprimorada reflexão acerca da teoria das Ideias de Platão objetivando compreender os pressupostos fundamentais que norteiam o sistema metafísico dos exemplares boaventurianos. Sobre essas bases,

¹ O Ensaio Metafísico que será apresentado sobre São Boaventura é um opúsculo da pesquisa propriamente dita que está sendo realizada por mim [Uellinton Valentim Corsi] juntamente com o Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich, ambos vinculados à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A pesquisa é fruto de diálogos e estudos pessoais compartilhados por ambos. Para maiores informações a respeito dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos, há disponível a divulgação de uma comunicação realizada sobre o Primeiro Estudo sobre Boaventura. Desse modo, este estudo e pesquisa é um ensaio sobre a relação da fé e razão no sistema metafísico de Boaventura relacionado com a teoria das Ideias de Platão que será fruto dos méritos investigativos de João Raniery e Uellinton Corsi. Essa temática, em si, não será tratada diretamente nos respectivos trabalhos. Por isso, vede: <<https://www.youtube.com/watch?v=q91LomYifxQ>>; e CORSI, U. V.; PICH, R. H. Pressupostos Epistêmicos de São Boaventura: a Escola Franciscana e Alexandre De Hales – Primeiro Estudo. **Caderno de Resumos Jornada de Estudos Antigos e Medievais**, Maringá, set. 2020. p. 78-79. Disponível em: <https://3f26275f-55a4-4bed-985b-b1ed6f6545e9.filesusr.com/ugd/d04685_2352e042f05144b4a35810094968b4a3.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

² Graduando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pesquisador em Metafísica franciscana e scotista na escolástica sob orientação e supervisão do Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich. *E-mail*: uellintoncorsi@gmail.com

³ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); docente da Faculdade Macêdo de Amorim (FAMAM). *E-mail*: joaoraniery@hotmail.com

procurar-se-á, em seguida, refletir quanto a relação existente, de acordo com o Doutor Seráfico, entre a *fidei et ratio* e a sua definição de pecado original, que culminam nas vias de ascensão da alma humana ao primeiro Princípio, criador de todas as coisas.

Palavras-chave: Ideias. Trindade. Metafísica. Vestígios; Razão.

ABSTRACT

This study aims to formulate essays about the Metaphysics present in the two writings of São Bonaventura, namely: *the Mind Itinerary for God* and *the Breviloquio*. To do so, it will start from an improved reflection on the theory of Plato's Ideas aiming to understand the fundamental assumptions that guide the metaphysical system of Boaventurian examples. On these bases, we will then try to reflect on the existing relationship, according to Doctor Serigraph, between the *fidei et ratio* and its definition of original sin, which culminate in the pathways of the ascension of the human soul to the first Principle, creator of all things.

Keywords: Ideas. Trinity. Metaphysics. Trace Elements. Reason.

INTRODUÇÃO

Compreender os pressupostos que alicerçam o sistema filosófico-teológico de Boaventura de Bagnoregio (c. 1221-1274) – sendo, em parte, representada por sua teoria dos exemplares – é estar disposto a se debruçar sobre sua concepção Metafísica presente nas obras *Itinerário da Mente para Deus* e *Brevilóquio*. Esses dois escritos constituem a bibliografia central deste estudo, sob apoio argumentativo de autores como De Boni, Etienne Gilson, Merino, Pich, *et. al.* Assim como se estabelece, também, uma devida ponte interpretativa entre o Doutor Seráfico e a concepção metafísica platônica, já que Boaventura bebe, substancialmente, das fontes antigas.

Dessa forma, tendo como base a teoria das Ideias em Platão e seus pressupostos metafísicos, este trabalho procurará evidenciar como o *Doctor Seraphicus* analisa a cognoscibilidade possível do Exemplar dos exemplares, constituindo-os como sendo sinais, sombras, *vestigios*, do Criador [primeiro Princípio]. Essa conhecida teoria dos exemplares será a base fundamental desta pesquisa. Em outras palavras, partindo da pontual reflexão sobre a doutrina das ideias em Platão, procurar-se-á entender como o Doutor Seráfico reflete acerca de sua teoria dos exemplares, formulando um profícuo estudo metafísico introdutório. Não será difícil encontrar, em certa medida, uma possível associação entre a teoria das ideias [Platão] e a Trindade Criadora [Boaventura]. A proposta, então, deste estudo é elaborar ensaios metafísicos em Boaventura, dialogando com outro estudo em andamento⁴.

1 A TEORIA DAS IDEIAS EM PLATÃO

Aos que se dedicam, um mínimo que seja ao estudo do platonismo, constatam que a teoria das Ideias assume substancial importância nas

⁴ Para isso, vede nota nº 1.

obras de Platão.⁵ Isso porque, para o filósofo grego, Ideias não devem ser consideradas como simples conceitos ou representações mentais, como costumeiramente é concebido;⁶ mas, sim, de algum modo, ser o que o pensamento pensa quando está livre das sensações. Seria, então, verdadeiro ser e fundamento das coisas, por excelência e em essência. É o que faz a coisa ser como é *em si* e *por si*, excluindo qualquer visão relativista e particularizada que o sujeito queira formular, isso por terem as Ideias caráter absoluto.

Para fundamentar essa inferência, Platão sugere a existência da realidade suprassensível dando vazão a interpretação dualista de mundo. Com a simbologia da “navegação”, compreende a possibilidade de o sujeito deixar de lado os sentidos e as sensações [próprios da primeira navegação] para assumir uma postura de libertação do empírico chegando, assim, ao plano do raciocínio puro e do intelecto mesmo. Não se valendo mais da facilidade dos ventos e das velas da embarcação, decide-se recorrer às suas próprias forças por meio da utilização dos remos. É nessa segunda navegação, elucida o fundador da academia grega, em que está o filósofo: escolhendo o método mais cansativo e exigente, o de saída da realidade física e da sensação, para se chegar ao não-físico, aquele que se dedica a filosofia almeja ter um contato direto com o suprassensível.⁷ Dimensão onde se encontram as Ideias em perfeito estado e, pela qual, finalmente, apreende-se a verdade das coisas.⁸

⁵ Assim trata MONDIN, B. **Curso de Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2005, 63.: “Que a doutrina das Ideias seja a instituição fundamental de Platão torna-se evidente pelo fato de que dela derivam todos os seus outros ensinamentos, tanto em epistemologia como em psicologia, tanto na ética como na estética”.

⁶ Essa oposição entre o conceito de “ideia” formado por Platão e a compreensão de “ideia” como é pensado atualmente fora elucidado por REALE, G. **História da Filosofia Antiga II**. Platão e Aristóteles. São Paulo: Loyola, 1994, p. 61.

⁷ É possível encontrar, no relato sobre a Imortalidade da Alma, em PLATÃO. *Fédon*. Trad.: Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Belém: Ed. UFPA, 2011, 99a-100a, a defesa platônica em se escolher o modo de acesso ao mundo suprassensível por meio da libertação radical dos sentidos e do sensível.

⁸ PLATÃO. *Fédon*. 2011, 100a-101d.

Com efeito, é possível identificar as Ideias platônicas em seis características principais⁹: (1) as Ideias devem ser consideradas, por excelência, como objetos próprios da inteligência e, só pela inteligência, é possível captá-las [caráter de *inteligibilidade*], conseqüentemente, (2) as Ideias devem possuir uma dimensão totalmente contrária ao mundo físico [caráter de *incorporeidade*]¹⁰; (3) as Ideias são puro ser em si, o ser verdadeiramente [caráter de *ser no sentido pleno*], ao passo que também (4) são contrárias a mudança¹¹. São estáveis, eternas, absolutas, sem origem e nem fim [caráter de *imutabilidade*], por isso “é necessário que permaneçam sempre da mesma forma”¹². (5) Ideias são *em si e por si*, substancialmente, objetivas [caráter de *perseidade*], efetivando-se como (6) as que unificam a multiplicidade das coisas por estas participarem de sua unidade dando-lhes critérios de verdade [caráter de *unidade*]¹³. “Que muitos sejam um e que o um seja muitos é uma afirmação maravilhosa”¹⁴. Assim, cada Ideia é uma unidade explicativa das coisas sensíveis a que elas pertencem, formando, como dito, a multiplicidade na unidade.

Ora, tais formulações são necessárias, de acordo com Platão, para afastar as posições relativistas que cercavam a concepção de Ideia. A primeira concepção relativista, de acordo com ele, é a visão heraclitiana do movimento e do fluxo perene em que atingiria proporções de

⁹ Essa caracterização está de acordo com a formulada em REALE, 1994, p. 64-74, assim como em seu outro escrito intitulado “Para uma nova interpretação de Platão: Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das ‘Doutrinas não escritas’”. São Paulo: Loyola, 1997, p. 123-139.

¹⁰ PLATÃO. **Fédon**. 2011, 65d-66a.

¹¹ Idem. **A República**. Trad.: Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000, 485b.

¹² Id. **Fédon**. 2011, 78d.

¹³ Para PLATÃO. Crátilo (ou da correção dos nomes). In: **Diálogos VI**: Crátilo (ou da correção dos nomes), Cármides (ou da moderação), Laques (ou da coragem), Ion (ou da Ilíada), Menexeno (ou oração fúnebre). Tradução, introdução e notas de Édson Bini. Bauru: Edipro, 2017, 440a-b, seria irracional tratar de conhecimento se tudo mudasse e nada permanecesse.

¹⁴ PLATÃO. Filebo (ou do prazer). In: **Diálogos IV**: Parmênides (ou das formas), Político (ou da realeza), Filebo (ou do prazer), Lísias (ou da amizade). Tradução, introdução e notas de Édson Bini. Bauru: Edipro, 2009, 14c.

multiplicidades irredutíveis advindos da mobilidade, podendo chegar a se tornar, a Ideia, algo que nem se pode pensar e nem alcançar. Então, Platão caracterizando as Ideias como múltiplas na unidade, supera a radical dualidade entre o uno e o múltiplo, entre o móvel e o imóvel, entre o relativo e o absoluto.¹⁵ E a segunda concepção relativista, que o referido filósofo grego teceu sua crítica por meio das características das Ideias, foi a dos sofistas, representada por Protágoras, o qual reduzia à subjetividade a realidade e a ação do homem, concebendo esse sujeito como a medida de todas as coisas.¹⁶ Contra o referido postulado, Platão aprofunda, então, a característica da *perseidade*, procurando deixar claro que as Ideias possuem caracteres em si e por si, e não depende de como cada indivíduo particular a apreende.

Tendo posto isso, há uma nítida clareza quanto a busca de Platão em conceber a realidade sob dois planos: o sensível e o inteligível.¹⁷ Formando, assim, a dimensão física [das cópias] e a dimensão metafísica [das Ideias]. De acordo com Reale¹⁸, é possível encontrar no *corpus platônico*, uma relação entre o sensível e o inteligível de imitação [*mimesis*]¹⁹, de participação [*métexis*]²⁰, de comunhão [*koinonia*]²¹, e de presença [*parusia*]²². Com efeito, a proposta platônica é a de

¹⁵ Sobre isso trata FRAILE, G. **Historia de la Filosofía I**: Grecia y Roma. Madrid: BAC, 1982, p. 324.

¹⁶ PLATÃO. Teeteto (ou do conhecimento). In: *Diálogos I*: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas). Tradução, introdução e notas de Édson Bini. Bauru: Edipro, 2007, 157a-d.

¹⁷ É importante dizer que não é intenção deste texto discutir sobre em que medida podemos considerar Platão um dualista. Visto que tal questão demandaria uma extensa análise. Sobre esse tema, vale conferir E. LUFT, Contradição e dialética: um estudo sobre o método dialético em Platão, in: *Síntese*, v. 23, n^o 75, 1996, 455-502, elabora uma reflexão acerca dessa temática.

¹⁸ 1994, p. 80

¹⁹ PLATÃO, *Parmênides* 132d; IDEM, *Sofista* 240c; 251a; 257b; 259a; IDEM, *Fedro* 250a-251c.

²⁰ PLATÃO, *Banquete* 211b; IDEM, *Fédon* 78c; 100d.

²¹ PLATÃO, *Fédon* 74d; 75b.

²² PLATÃO, *Timeu*, 29a-c.

conceber as Ideias como possuidoras de caracteres de inteligibilidade, de incorporeidade, de ser em seu sentido pleno, de imutabilidade, de ser em si e por si e o caráter de unidade; diferenciando-as das coisas sensíveis. Muito embora, mesmo com essa distinção, há também uma relação de proximidade, seja pela imitação, pela participação, pela comunhão e/ou até mesmo pela presença.

Como uma última consideração, “a ideia é o modelo eterno, imutável, o paradigma que a coisa sensível imita de maneira mais ou menos semelhante. As cópias não têm a perfeição dos originais, mas deles derivam”²³; fazendo assimilar que, em Platão, há uma imanência quando se trata da transcendência das Ideias, em graus ascensionais.²⁴ No *Banquete*²⁵ é posto como se dá esse processo de ascensão desde o sensível até o inteligível por meio da *scala amores*²⁶. Usando *Eros* como exemplo para se chegar ao mais alto grau do conhecimento, Diotima elucidada como se deve alcançar a contemplação das Ideias²⁷: (1) partindo do aspecto físico, pelo desejo de possuir um único corpo, produziria belos discursos acerca desse corpo desejado, intercambiando sensível [corpo] e racional [discursos];²⁸ (2) em ascensão a esse nível, migraria de desejar não apenas um corpo, mas os vários corpos, por se saber que a Ideia que tem em um encontra-se em vários outros, como uma ideia corporal universal;²⁹ (3) em sequência, chegaria a desejar as Ideias que estão nos vários corpos e,

²³ MANON, S. Platão. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 94.

²⁴ REALE, 1997, p. 139.

²⁵ 210a-211c.

²⁶ Excluídas certas peculiaridades, há semelhanças quanto a ascensão intelectual experimentada pelo filósofo em sua busca pelo conhecimento na República, livros VI e VII e a exposta no *Banquete*. Neste sentido, concordo CONFORD, 1950, p.76.

²⁷ É sabido que Diotima, ao tratar da natureza e benesses de *Eros*, no *Banquete* de Platão, faz uso de termos como amor, beleza, belo, alma, dentre outros. Contudo, na busca de delimitar este trabalho, vamos nos deter apenas a escala do Éros como chave de leitura para se entender os graus de ascensão para se chegar à contemplação das Ideias.

²⁸ PLATÃO, *Banquete*, 210a 5-9.

²⁹ PLATÃO, *Banquete*, 210b 1-5.

assim, formular discursos a essa ideia;³⁰ (4) por conseguinte, louvaria as obras próprias da Ideia, como a instituição, as leis, as artes, as normas, a sabedoria e as ciências;³¹ (5) e, finalmente, chegaria ao seu apogeu, contemplando a Ideia em sua unidade na multiplicidade. Não como apresentada ou imitada no sensível, mas, em seu estado incondicional, imutável, eterno, tal como a Ideia é.³²

Ora, a teoria das ideias, como visto, é um meio importante para se compreender, de modo satisfatório, o *corpus platônico*. Diferente do que costumeiramente é entendido, as Ideias possuem características próprias que vão além de conceitos e representações mentais. É uma formulação, substancialmente pujante, que busca responder ao paradoxo existente entre o uno e o múltiplo, entre o móvel e o imóvel, entre o relativo e o absoluto. As ideias têm, então, relação com a imitação, a participação, a comunhão e/ou a presença. Por fim, como modelos perfeitos, fazem com que as cópias delas derivem como uma espécie de escala hierarquizada até a contemplação da verdade em si e por si.

2 FIDEI ET RATIO EM SÃO BOAVENTURA

Ao tratar a teoria das Ideias em Platão, Boaventura acentua sua importância e atesta que, aqueles que negam esse pressuposto incidem no erro. Isso porque, a negação dessa doutrina, de acordo com ele, recairia no erro de colocar Deus numa condição de causa final das coisas.³³ Porém, tanto a teoria das Ideias, fundamento basilar para

³⁰ PLATÃO, *Banquete*, 210b 5 – 210c 3.

³¹ PLATÃO, *Banquete*, 210c 3 – 210e 2.

³² PLATÃO, *Banquete*, 210e 3 – 211b 5.

³³ Há de se considerar duas determinações quanto ao erro afirmado. Para isso, aconselha-se conferir, Cf. REALE, G.; ANTISERI, D. **Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 2º. ed. São Paulo: Paulus, v. 1, 2017. p. 587; e Cf. DE BONI, L. A. **Boaventura**: filósofo, teólogo e místico. 1º. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 256. Nota-se que há divergência entre as interpretações entre Reale e Antiseri e e De Boni, porém, para os fins almejados à pesquisa aqui realizada, o importante é a incidência do filósofo, bem como, do ser humano, ao erro possível como consequência de uma vontade desordenada, e a necessidade da fé como

o pensamento cristão, quanto aqueles que negam esse pressuposto platônico – por desconhecerem a *revelare* de Deus em sua *similitudinis*³⁴: o Verbo gerado – permanecem, ambos, no jugo de suas vontades desordenadas.³⁵

Desse modo, Boaventura afirma que para aos Antigos a *revelare* de Deus é desconhecida e, por isso, a Filosofia que engendram não é perfeita em sua completude, precisando da fé para ultrapassar esses limites.³⁶ Tendo dito isso, vale ressaltar que não é o conhecimento filosófico [tomado como sinônimo da razão], *per se*, que conduz o ser humano ao erro, mas sim, a sua natureza originária que tem uma vontade que, ora se ordena ao bem ora ao mal, levando o ser humano a incidir no erro.³⁷ Assim, para o seráfico, esse movimento da vontade

pressuposto para a graça de Deus. Desse modo, portanto, tendo esclarecido essa divergência interpretativa, segue-se com a investigação acerca da relação entre a vontade humana e a graça de Deus.

³⁴ O Seráfico, em sua formulação da geração do Verbo de Deus (Cf. BOAVENTURA. **Brevilóquio**. 1º. ed. Campinas: Ecclesiae, 2018. p. 71 - 91), afirma que Deus, em um ato cognoscitivo de autoconhecimento, cria, desde a eternidade, o Verbo, como expressão de seu movimento intelectual. Ora, Deus é ato puro, essência verdadeira, e conhecimento ilimitado, conhece a tudo, e, logicamente, o todo conhecido faz parte de si. Boaventura, portanto, afirma que esse conhecimento é tido como sua *similitudinem*, *i.e.*, semelhança, uniformidade, imagem (Cf. VIEIRA, J. L. **Dicionário Latim-Português**: Termos e expressões, 2016. p. 385). Poder-se-ia traduzir esse movimento intelectual de Deus por *similiter* que quer dizer do mesmo modo, igualmente, com semelhança, exatamente (Cf. VIEIRA, J. L. **Dicionário Latim-Português**: Termos e expressões, 2016. p. 385). Independente de quais vocábulos latinos procura-se aproximar a referência de Boaventura a esse movimento, deve-se ter em mente que o Verbo gerado por Deus é de mesma natureza e substância (Cf. BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. 13º. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 432).

³⁵ Como pode ser visto, o autor Vasconcellos afirma que o dado da revelação na filosofia de Boaventura é indispensável para compreender o sistema proposto pelo Seráfico, Cf. VASCONCELLOS, M. O PROBLEMA DO MAL: A INTERPRETAÇÃO DE SÃO BOAVENTURA. **Veritas**, Porto Alegre, v. 57, n. 3. p. 168.

³⁶ BOAVENTURA, 2018, p. 176 – 179.

³⁷ BOEHNER e GILSON, 2012, p. 425.: “É verdade que esta [filosofia], por ser uma luz de origem divina, não pode, de *per se*, induzir ao erro. Mas, em consequência da corrupção pelo pecado original, a luz da razão se obnubilou a ponto de o homem não poder fugir ao erro sem uma ajuda superior”.

gera o afastamento do ser humano do primeiro Princípio, pois, a vontade “fora destinada a agir por ele, segundo ele e para ele”³⁸.

Nessa perspectiva, a Filosofia seria de origem divina e capaz de conduzir o ser humano ao seu primeiro Princípio. Porém, por conta do imperativo da vontade, a razão humana tende a errar e, para que seja possível ultrapassar esse limite é necessário haver a claridade do conhecimento pela *illuminas* de Deus³⁹. Dessarte, para Boaventura a (1) Filosofia possui a finalidade de conduzir o ser humano ao conhecimento de Deus, tomando como matéria de análise o conhecimento teológico, ou seja, o dado da fé; para buscar o seu entendimento mais elevado possível. Assim, a teoria boaventuriana tem por fundamento a (2) origem da alma como sendo criada para um dia contemplar a Deus, *i.e.*, a (3) Causa primeira que cria todas as criaturas é, também, a Causa final de todas elas.⁴⁰ Ora, com a premissa 1, tem-se o meio para buscar a premissa 2, ao passo que na premissa 3 há a motivação e a finalidade da inferência. Atente-se, portanto, para a possível relação que Boaventura faz com a doutrina das Ideias em Platão. O Doutor Seráfico formula três graus de relação entre o primeiro Princípio e as coisas criadas, a saber: *vestígios*, *imagens* e *semelhança*. Diferindo, portanto, do filósofo grego que propõe a relação entre o sensível e o inteligível que ocorre em certos níveis por imitação, por participação, por comunhão e por presença⁴¹.

³⁸ BOAVENTURA, 2018, p. 133.

³⁹ *Illuminas* de Deus é um verbo latino que está no transitivo que quer dizer o ato de Deus iluminar, esclarecer, fazer realçar (Cf. VIEIRA, J. L. **Dicionário Latim-Português**: Termos e expressões, 2016, p. 188).

⁴⁰ A Filosofia, *i.e.*, a razão humana; tem o papel de “purificar” o máximo possível a vontade e os sentidos humanos para que, assim, a potencialidade volitiva humana chegue ao mais próxima possível da sua formação primária, Cf. GILSON, E. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 547.

⁴¹ Para retomar a conceituação do *corpus platônico*, bem como a relação formulada por ele, vede a parte destinada ao estudo da teoria das Ideias de Platão.

Dando prosseguimento, a crença no Supremo Bem é obtida por meio da fé⁴², porém, mesmo sendo crível é imperfeita, e só alcança o seu grau máximo de perfeição através da iluminação de Deus. Essa relação, com efeito, é obtida quando o ser humano busca o primeiro Princípio em um ato de liberdade, cabendo a Deus oferecer a sua graça [iluminação] como dom a quem lhe prover. Assim, a “culpa é expulsa pelo dom de Deus, e não pelo livre-arbítrio, porém, não sem o livre-arbítrio. Pois compete à graça gratuitamente dada retirar o livre-arbítrio do mal e movê-lo para o bem[...]⁴³. E o ser humano, nessa relação, cabe consentir ou dissentir. O pecado, como consequência da “desordem atual da vontade”⁴⁴, é ultrapassado, primeiramente, por iniciativa humanamente volitiva, quando influencia no uso reto da razão e do livre-arbítrio. O (a) ser humano ao se deparar com o (b) limite imposto pela (c) desordem volitiva, que lhe é natural, pode recorrer ao seu (D) Criador por livre vontade para, então, transpor sua

⁴² A relação no medievo entre fé e razão visa a demonstração de três aspectos sobre a divindade, assim: “[...] (1) [...] se os dados da fé – entendida aqui fundamentalmente como fonte cognitivo-volitiva de acesso a itens revelados por Deus – podem, em alguma medida, ser objeto de demonstração racional, tal como a existência de Deus e alguns dos atributos divinos; (2) [...] em termos da meta de defender a concebibilidade de itens da fé e a credibilidade ou a ‘verossimilhança’ de seus conteúdos, incluindo nesse sentido controvérsias apologéticas com outras religiões [...] alegando a superioridade da religião cristã e o seu apelo universal justamente pelo seu bônus em racionalidade [...] (3) [...] pensadores medievais também revelam o interesse em analisar se as crenças teístas e cristãs são, elas mesmas, em seu caráter de atos mentais e intelectuais, e de novo nas características de seus conteúdos, justificadas ou avalizadas pela razão” (Cf. PICH. R. H. *Fides et Ratio, Do Medievo à Reforma: Um Roteiro Diferente*. **Scintilla**, Curitiba, v. 13, n. 2. pp. 106 -107).

⁴³ BOAVENTURA, 2018, p. 176.

⁴⁴ BOAVENTURA, 2018, p. 133. Para melhor compreender a origem do mal na perspectiva de Boaventura, bem como judaico-cristã, Cf. VASCONCELLOS, 2012, p. 171, afirma que “[...] Boaventura quer mostrar que o pecado não é uma entidade, mas um defeito, uma corrupção, através da qual ocorre a corrupção do modo, da espécie e da ordem na vontade criada [...]”. A vontade, como potencialidade desiderativa, é um marco teórico para Boaventura, para tanto, confira o que o seráfico afirma quanto à vontade sendo a originária do pecado, vede Cf. BOAVENTURA, 2018, p. 119. Confira também Cf. VASCONCELLOS, 2012, p. 171.

limitação, constituindo-se como relação entre a vontade humana e a vontade de Deus. A partir disso, é possível fazer a seguinte inferência: há a necessidade de relação entre a (a) criatura e o (D) Criador como forma de ascensão do ser humano à Deus, sendo que essa relação deve ser orientada pela liberdade e cooperação, *i.e.*, “a quem consente, cabe receber a graça; e a quem recebe, compete cooperar com a mesma, para chegar finalmente à salvação”⁴⁵.

Por conseguinte, o conhecimento acerca de Deus possui, para Boaventura, crença fundada na revelação. E esse é o motivo preliminar que leva o sujeito a buscar certo aprofundamento gradual nas verdades cridas tendo, em seu horizonte, o entendimento do que está na base de todas as coisas: a Causa primeira que, para Boaventura, é a Trindade. Por esse motivo, quanto mais o ser humano busca conhecer o mundo sensível – no tocante aos mistérios dos quais o universo está envolto e procura perceber qual é o fundamento de tudo o que é criado – mais ele demonstra certa forma de amor, estabelecendo uma relação de proximidade com Deus, o amado. Afirmando, então, que o ser não procura mais o conhecimento pela razão, mas por amor, e esse amor é que faz com que o a pessoa exerça determinado ato de fé. A filosofia entra, justamente, nesse movimento do amante que busca o amado por amor, pois, *quem crê por amor quer ter razões de sua crença*⁴⁶. O fazer filosófico nasce, portanto, da necessidade do coração que quer conhecer mais o objeto amado de sua fé.⁴⁷

O conhecimento é buscado pelo sujeito desejoso em conhecer a Causa de todas as causas que, *a priori*⁴⁸, é-lhe dado pela fé e o conduz

⁴⁵ BOAVENTURA, 2018, p. 176.

⁴⁶ GILSON, 1995, p. 545

⁴⁷ GILSON, 1995, p. 545.

⁴⁸ A partir da proposição de que há no *intellectus fidei* conhecimentos *a priori*, *i.e.*, que os crentes cristãos possuem verdades que não são necessitadas de comprovação empírica pela Tradição ou Escritura, apenas pela razão, tem-se, então, a possibilidade do uso desse conhecimento “apriorístico” (Cf. PICH, 2016, p. 110).

à contemplação mística do Supremo Bem. Mas, perceba, que há aí a incidência da relação entre a fé e a razão que, para Boaventura, são indissociáveis, sendo que: a fé lança as bases à possibilidade do conhecimento quanto à Causa primeira, já a razão busca a sua investigação geral da realidade.⁴⁹ Nessa relação existe, como visto, certa dependência, pois a razão, sendo parte do intelecto humano, é manchada pela sua condição natural o que, conseqüentemente, gera, na pessoa, privações que levam a sua vontade ao erro. Ora, a fé, como fonte da/para a revelação, é capaz de transcender a essa determinação da vontade desordenada e ser o meio de elevação da razão humana ao acolher a iluminação de Deus e superar, assim, as conseqüências de uma vontade tencionada a agir pela satisfação de suas paixões. Boaventura infere que a contemplação só é possível pelo ato da iluminação. Já que o ser humano a perdeu, só podendo recuperá-la pela *graça*, por meio da *fé* e pelo entendimento das *Escrituras*, “pelas quais a mente humana é purificada, iluminada e aperfeiçoada para contemplar as coisas celestes, às quais o homem caído não pode chegar sem antes reconhecer seus próprios defeitos e trevas”⁵⁰.

Portanto, há um tributo de valor à filosofia por ela possibilitar ao ser humano o uso do entendimento para conhecer o objeto amado, a Causa de todas as causas, que é Deus. Porém, isso ocorre apenas se o indivíduo reconhece a sua limitação e sua dependência diante do seu Criador. Dessarte, Boaventura, não separando a *fidei et ratio*, mas evidenciando sua complementariedade, torna-as como uma forma possível de, primeiramente, ordenar a vontade humana; depois, como sendo uma via possível de aprofundar o conhecimento da *revelare* de Deus por meio do uso da razão; e, por fim, torna viável estabelecer ao ser humano, nessa relação transversal, a possibilidade da contemplação de Deus.

⁴⁹ Para maior aprofundamento acerca dessa relação no medievo, confira o estudo da relação entre a *fidei et ratio*, Cf. PICH, 2016, p. 115.

⁵⁰ BOAVENTURA, 2018, p. 118.

3 VIAS DE ASCENSÃO

Para que haja, então, a contemplação possível dos mistérios de Deus pelo ser humano, nota-se que há, no pensamento boaventuriano, uma propositiva intercambial entre o sujeito que é passível de adquirir conhecimento e as realidades que ultrapassam o mundo sensível⁵¹. Desta forma há, novamente, uma aproximada relação com as dimensões platônicas de sensível e de inteligível. Para isso, Boaventura, procura, na teoria das Ideias⁵², o fundamento da sua teoria dos exemplares, que não será abordada diretamente nesse estudo, pois, já está sendo matéria de outra pesquisa⁵³. Tendo em vista a demarcação desse estudo, é importante tomar como princípio investigativo essa propositiva intercambial. Assim Gilson⁵⁴ afirma que a vida pode ser comparada a uma peregrinação direcionada a Deus, sendo que o mundo sensível é a estrada condutora do ser humano; as criaturas que são encontradas por essa estrada são signos que podem ser imbuídos de mistérios, “a fé auxiliada pela razão decifrará sob características sempre diferentes uma só palavra, um só chamado sempre idêntico: Deus”⁵⁵.

Há, portanto, uma analogia da vida como uma peregrinação a Deus e o mundo como uma estrada condutora com signos que devem ser desvelados à luz da fé e da razão. Isso porque, como visto antes,

⁵¹ ara evidenciar esse processo entre o conhecimento sensível e de realidades inteligíveis, é importante partir do pressuposto de que o conhecimento humano inicia pelo dado sensorial que é empírico, mas que não permanece vinculado a ele. Há a possibilidade, como será analisado, do entendimento humano, pela ação da fé que pede à graça divina o auxílio para transpor os limites do intelecto, de ultrapassar, numa linguagem mística-espiritual, os próprios limites do intelecto humano que Boaventura vai chamar de via de ascensão da alma para Deus. Confira, Cf. PICH, 2016, p. 122.

⁵² Para compreender com maior profundidade a teoria das Ideias de Platão, vede o tópico do estudo onde se trata sobre o referido assunto.

⁵³ A pesquisa referenciada aqui faz menção a mencionada na nota nº 1.

⁵⁴ GILSON, 1995, p. 546

⁵⁵ GILSON, 1995, p. 546.

a Filosofia tem a finalidade de conduzir o ser humano à Deus. E isso só lhe será possível pela sua submissão à iluminação divina.⁵⁶ Então, a propositiva mencionada, demonstra que o conhecimento ocorre na estrada onde contém signos, e a fé, por auxílio da razão, decodifica o sinal do grande Exemplar por trás dos exemplares, que é Deus. É pelo intermédio da realidade sensível que o ser humano tem acesso ao mistério da Verdade eterna e imutável, que ultrapassa o mundo sensível.⁵⁷ Assim, como em Platão encontra-se a ascensão ao mundo das Ideias partindo do mundo sensível, em Boaventura há a possibilidade do ser humano ascender no conhecimento a Deus pelos vestígios presentes na realidade física. Naturalmente a forma como um e outro concebe essa ascensão ocorre de forma distinta, dado que o seráfico recorre a indispensável *revelare* de Deus para explicar o modo em que o ser humano poderá contemplar o primeiro Princípio, criador de todas as coisas.

Desse modo, o ente possui faculdades intrínsecas em seu intelecto e é por essas faculdades que ele obtém conhecimento. Dá-se, nesse movimento, o primeiro grau da via iluminativa que o seráfico elabora para a ascensão da alma, a saber: “A elevação a Deus por meio do universo”⁵⁸. Ao passo que, no decorrer da elevação da alma à contemplação da verdade⁵⁹, elimina-se gradativamente a dúvida e permanece a substância fundamental das coisas conhecidas na realidade sensível:

⁵⁶ BOAVENTURA, S. **Itinerário da Mente para Deus**. 2º. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 29.: “[...] aquele que deseja elevar-se a Deus deve evitar o pecado que desfigura a natureza e deve aplicar as faculdades naturais, acima mencionadas, para adquirir pela oração a graça que reforma, por uma vida santa a justiça que purifica, pela meditação a ciência que ilumina, pela contemplação a sabedoria que aperfeiçoa. E, como ninguém chega à sabedoria sem a graça, sem a justiça e sem a ciência, assim também ninguém pode chegar à contemplação sem uma meditação profunda, sem uma vida pura e sem uma oração fervorosa”.

⁵⁷ Cf. BOAVENTURA, 2012.

⁵⁸ BOAVENTURA, 2012, p. 23.

⁵⁹ MERINO, J. A.; FRESNEDA, F. M. **Manual de Filosofia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 38.

[...] A multiplicidade das coisas com as suas diferenças genéricas, específicas e individuais, diversas entre si pela substância, a forma, a figura e a atividade, demonstra a imensidade (inexaurível para a mente humana) [...] A beleza das criaturas com a variedade de suas luzes, de suas figuras e de suas cores, considerada nos corpos simples, mistos e orgânicos – como são os astros e os minerais, as pedras e os metais, as plantas e os animais – proclama altamente as mesmas perfeições de Deus.⁶⁰

Partindo do pressuposto de o ser – em contato com o universo – ter a potencialidade de conhecer a substância das coisas que proclama as perfeições de Deus⁶¹, Boaventura demonstra, por meio de um movimento que vai do concreto ao abstrato, a possibilidade de o ser humano conhecer as coisas e, principalmente, de chegar à Suma Verdade, aproximando da já vista *scala amores* de Platão⁶². Para isso, há a *reductio* e a *divisio*, que formulam um tipo de movimento dialético no conhecimento. A “*reductio* é [...] uma dialética que vai do concreto ao abstrato, enquanto a outra, a *divisio*, vai do abstrato ao concreto. A *reductio* executa duas funções complementares: leva o imperfeito ao perfeito, assim como o incompleto ao completo”⁶³. Essa relação da

⁶⁰ BOAVENTURA, 2012, p. 33.

⁶¹ BOAVENTURA, 2012, pp. 24 – 25.: “[...] na atual condição de nossa natureza, o universo é a escada pela qual ascendemos até o Criador. Ora, entre os seres criados, alguns são o vestígio do Criador, outros, ao invés, são sua imagem. Alguns são materiais; outros, espirituais. Alguns são temporais; outros, eviternos. E, por isso, uns estão fora de nós; outros, dentro de nós [...]”.

⁶² Obviamente não se tem o intento de forçar uma interpretação boaventuriana, tampouco platônica, e de encontrar referências em ambas sobre um e outro sistema filosófico. Respeita-se a concepção de cada teoria e não se pretende onerar de Boaventura e de Platão os méritos de seus escritos e legados, pelo contrário, estima-se a aproximação dos autores justamente por se considerar ser uma aproximação indispensável para melhor compreender o pensamento de Boaventura e, desse modo, ter contato com a Filosofia platônica. Por isso, a aproximação afirmada é a título de confronto teórico.

⁶³ BOUGEROL, J.G. **Introducción a San Buenaventura**. Madri: BAC, 1984. pp. 172 – 174, grifo do autor.

reductio ocorre na interioridade do ser humano⁶⁴ como processo de abstração que é realizado pela mente durante o ato do conhecimento⁶⁵. Essa relação é capaz de reconhecer as criaturas – as quais o ser humano também faz parte – como vestígios de Deus, ou seja, como sombras da Trindade criadora. Assim, Boaventura afirma que para “chegarmos à consideração do primeiro Princípio essencialmente espiritual, eterno e acima de nós, é necessário passarmos pelo vestígio, que é material, temporal e exterior”⁶⁶. Sendo que para que isso ocorra, a mente humana deve ser reconhecida como “imagem eviterna de Deus, [que] é espiritual e está em nosso interior”⁶⁷.

É plausível a consideração que o Doutor Seráfico faz quanto a ligação dos vestígios com a realidade divina e, principalmente, que a mente humana é imagem eviterna de Deus. Encontra-se nessa inferência a essência da natureza humana no pensamento de Boaventura. Ele, como é notável, consolida a natureza humana como dotada de potencialidades capazes de, por meio de um caminho interior,

⁶⁴ Para compreender a interioridade na perspectiva boaventuriana vede, Cf. PIGNATARI, R. C. **Deus Quaerens**: Introdução à Metafísica da Interioridade de Santo Agostinho nas leituras de São Boaventura e Heidegger. 1º. ed. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 201. pp. 63 - 86.

⁶⁵ Para compreender o processo de abstração realizado na mente humana, é indispensável ter claro o sectarismo das luzes divinas no pensamento boaventuriano, Cf. MERINO; FRESNEDA, op. cit., p. 39.: “[...] raios da luz divina, da qual procedem, denominados de *lumen exterius, interius, inferius* e *superius*; a luz exterior é a das artes mecânicas; a luz inferior dirige-se à consciência sensível; a luz interior é a própria do conhecimento filosófico; a luz superior é a da verdade revelada na Sagrada Escritura”. Assim sendo, tendo em vista esse sectarismo das luzes divinas, é notável que o ser humano possui participação no Sumo Bem pela *lumen interius*, assim afirma-se que (Cf. MERINO; FRESNEDA, op. cit., p. 39) “Ao nosso percurso interessa especialmente a luz interior, a da investigação filosófica da verdade, a qual indaga sobre as causas interiores e ocultas, recorrendo à ajuda dos princípios das ciências e da verdade natural de que a natureza humana está dotada, segundo três ordens: racional, natural, moral”. Portanto, com a potencialidade da *lumen interius*, ocorre na mente humana o processo de abstração da realidade sensível.

⁶⁶ BOAVENTURA, 2012, p. 25.

⁶⁷ BOAVENTURA, 2012, p. 25.

i.e., olhando à *imagem* que é reflexo de Deus, e, por intermédio da graça divina, chegar à contemplação da Verdade. Além do que, Boaventura ao formular essa via, resolve a propositiva intercambial citado anteriormente que trata sobre o limite, por um lado, do conhecimento empírico [ligado ao mundo sensível] e, por outro, o conhecimento de realidades que vão além do mundo sensível, dependendo, obviamente, da relação demonstrada entre a *fidei et ratio*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a investigação realizada acerca da teoria das Ideias de Platão e da relação entre a fé e a razão no pensamento de Boaventura, culminando, então, com a formulação da sua via de ascensão, é notória a aproximação entre ambos com as teorias das dimensões, a saber: sensível e inteligível. Dessa aproximação entre os autores, há um determinante fator, segundo o Seráfico, para interpretar a teoria platônica: a *revelare* [revelação] de Deus. Esse importante fator, a revelação do Verbo conatural de Deus Pai, torna-se noção interpretativa indispensável. Ao passo que, para se compreender a estrutura argumentativa da teoria metafísica de Boaventura, faz-se necessário a elucidação desse tópico, pois, sem ele não é possível alcançar a contemplação do Sumo Bem.

Assim, o *Doctor Seraphicus* formula a via de ascensão para que o ser humano, desejoso de ascender ao seu primeiro Princípio, possa elevar sua alma a Ele. Essa via é comparável, como visto, a uma estrada condutora a Deus que, em meio ao caminho, possui signos [sinais ou sombras] do Criador; e é justamente durante esse percurso, que há a relação entre a *fidei et ratio*. A fé auxiliada pela razão, então, procura desvelar o mistério que existe nessas criaturas buscando, assim, guiar-se para o grande Exemplar, do qual esses exemplares apontam.

Com efeito, tais formulações se aproximam da teoria da Ideias em Platão, quando, o próprio Boaventura afirma que as criaturas sinalizam para Àquela Ideia suprema, perfeita e imutável, as quais terão acesso através dos seus *vestígios, imagens e semelhança*. Em

outras palavras, nessa relação entre as dimensões do sensível e do inteligível – numa linguagem platônica – o sujeito pode alcançar a contemplação da Suma e Eterna Verdade. Porém, necessita, não por seus méritos pessoais, mas, antes pela fé, restaurar o máximo possível as faculdades fazendo uso da razão. Assim, nessa relação entre as duas faculdades inerentes ao ser humano – a *fidei et reatio* – o sujeito pode vir a alcançar a contemplação do Supremo Bem, que é o seu primeiro Princípio e a sua Causa final, à qual tende naturalmente. Desse modo, dado o exposto e tendo em vista o marco teórico da pesquisa, acredita-se ter alcançado os objetivos dessa análise, efetivando, então, a interpretação da teoria das Ideias de Platão e utilizando-a como pressuposto interpretativo para estudar a teoria metafísica de Boaventura.

REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, A.; MATOS, H. C. J. **Cristianismo**: 2000 anos de caminhada. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BOAVENTURA, S. **Itinerário da Mente para Deus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. **Brevilóquio**. Campinas: Ecclesiae, 2018.
- BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BONAVENTURAE. Doctores Seraphici S. S. R. E. Episcopi Cardinalis. In: **Commentarii in quatuor libros Sententiarum Petri Lombardi**. Claras Aquas; Quaracchi: Collegii S. Bonaventurae, 1882-1902. (Opera Omnia, v. 10).
- BOUGEROL, J. G. **Introducción a San Buenaventura**. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 1984.
- BUFFON, G. **Storia Dell'Ordine Franciscano**: Problemi e Prospettive di Metodo. Roma: Stoaria e Letteratura, 2013.
- CONFERENZA ITALIANA MINISTRI PROVINCIAL (COMPI). **Sancti Bonaventurae Opera**: Sermones Theologici. Roma: Città Nuova, 1994. (v. 1 = Hexaëmeron, Exameron).
- CORNFORD, F. M. The Doctrine Of Eros. In. PLATO'S SYMPOSIUM: THE UNWRITTEN PHILOSOPHY AND OTHER ESSAYS. **Proceedings...** Cambridge: Cambridge University, 1950.
- CORSI, U. V.; PICH, R. H. Pressupostos epistêmicos de São Boaventura: a escola franciscana e Alexandre de Hales – primeiro estudo. In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 10., 2020, Maringá. **Anais...** Maringá, 2020. p. 78-79. Disponível em: <https://3f26275f-55a4-4bed-985b-b1ed6f6545e9.filesusr.com/ugd/d04685_2352e042f05144b4a35810094968b4a3.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.
- COSTA, M. R. N. Santo Agostinho. In: _____ **Os filósofos clássicos da Filosofia**: de Sócrates a Rousseau. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 105-138.
- BONI, L. A. de. **Boaventura**: filósofo, teólogo e místico. Porto Alegre: Fi, 2016.
- VIEIRA, J. L. **Dicionário Latim-Português**: Termos e expressões. São Paulo: Edipro, 2016.
- FRAILE, G. **Historia de la Filosofia**: Grecia y Roma. Madrid: BAC, 1982. v. 1.

- GILSON, E. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GOFF, J. L.; SCHMITT, J.-C. **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Unesp, 2017. v. 1.
- MOELLER, B. **História Ecumênica da Igreja**. Trad. de Irineu J. Rabuske. São Paulo; São Leopoldo: Paulus; Edições Loyola; Sinodal, 2014. v. 2: Da alta Idade Média até o Início da Idade Moderna.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- KENNY, A.; BARBARO, C. A. **Uma nova história da filosofia ocidental**. São Paulo: Loyola, 2008. v. 2.
- MANON, S. **Platão**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MERINO, J. A. **Humanismo franciscano: franciscanismo y mundo actual**. Madrid: Cristiandad, 1982.
- MERINO, J. A.; FRESNEDA, F. M. **Manual de Filosofia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MONDIN, B. **Curso de Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. v. 1.
- MORESCHINI, C. **História da Filosofia Patrística**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- PICH, R. H. Agostinho e a “descoberta” da vontade: primeiro estudo. **Veritas**, Porto Alegre, v. 50, n. 3, p. 139-157, set. 2005. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/1807/1337>>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- _____. Sobre a descoberta e a justificacao da vontade: notas sobre De libero arbitrio II. **Civitas Augustiniana**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 162-192, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/8288>>. Acesso em: 10 Julho 2020.
- _____. Fides et Ratio, Do Medievo à Reforma: um roteiro diferente. **Scintilla**, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 103-129, jun./dez. 2016. Disponível em: <<https://scintilla.saoboaventura.edu.br/scintilla/article/view/26/22>>. Acesso em: 15 ago. 2020.
- PIGNATARI, R. C. **Deus Quaerens: introdução à metafísica da interioridade de Santo Agostinho nas leituras de São Boaventura e Heidegger**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2015.

PINHEIRO, V. Introdução. In: PLATÃO. **Banquete**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: UFPA, 2011.

PLATÃO. **A República**. 15. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

_____. **A República**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

_____. **Diálogos I**: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas). Trad. de Édson Bini. Baurú: Edipro, 2007.

_____. **Diálogos IV**: Parmênides (ou das formas), Político (ou da realza), Filebo (ou do prazer), Lísias (ou da amizade). Trad. de Édson Bini. Bauru: Edipro, 2009.

_____. **Diálogos V**: O banquete, Menon (ou Da virtude), timeu Crítias. Trad. de Édson Bini. Bauru: Edipro, 2010.

_____. **Fédon**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: UFPA, 2011.

_____. **Diálogos VI**: Crátilo (ou da correção dos nomes), Cármides (ou da moderação), Laques (ou da coragem), Ion (ou da Ilíada), Menexeno (ou oração fúnebre). Trad. de Édson Bini. Bauru: Edipro, 2017.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga II**: Platão e Aristóteles. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. **Para uma nova interpretação de Platão**: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas não escritas”. São Paulo: Loyola, 1997.

REALE, G.; ANTISERI, D. **Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 2. ed. São Paulo: Paulus, v. 1, 2017.

VASCONCELLOS, M. O problema do mal: a interpretação de São Boaventura. **Veritas**, Porto Alegre, v. 57, n. 3, p. 163-188, set./dez. 2012. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2012.3.10080>